

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
Vice-presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag)

Agroenergia tropical

por Bruno Blecher

ENGENHEIRO AGRÔNOMO formado pela Esalq/USP, Luiz Carlos Corrêa Carvalho é um dos principais especialistas em agroenergia do mundo. Foi executivo de organizações públicas (Plana-sucar; IAA; Cenal) e privadas (Aiaa; Unica) ligadas à cana-de-açúcar, açúcar e álcool. Desde 1983, é diretor da Cana-plan, empresa de consultoria e projetos para o setor sucroalcooleiro. Também é vice-presidente da Abag.

Nesta entrevista à *Agroanalysis*, Caio, como é mais conhecido, analisa as oportunidades e riscos da agroenergia.

AGROANALYSIS No início deste ano, um dos temas preferidos da mídia foi a competição entre a agronergia e os alimentos. Muitos culpavam os biocombustíveis pela alta dos preços da comida. Mas, de uns meses para cá, quando os preços das *commodities* agrícolas começaram a cair, o assunto desapareceu das páginas dos jornais.

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO (CAIO) Na verdade, foi uma fase com grande pressão e de *lobbies* com os mais variados interesses. Tentava-se entender ou justificar o aumento de preços das *commodities* e averiguar se eles não eram consequência do uso de áreas agrícolas para a produção de biocombustíveis. Mas, é só uma questão de avaliar as áreas usadas no mundo para a agricultura. De um total de 1,4 bilhão de hectares, apenas 15 milhões são destinados à produção de etanol, ou seja, cerca de 1%. É um número ínfimo. É como imaginar que o rabo balança o cachorro. Mas a FAO (Organização das Na-



“O mundo tropical ficou caracterizado como a grande fronteira de um biocombustível competitivo e sustentável”

ções Unidas para Agricultura e Alimentação), o próprio USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), o Banco Mundial, entre outros, logo excluíram o etanol de cana do Brasil da polêmica, admitindo que o aumento constante do uso do milho nos EUA para produção de combustível é que não faz sentido, como também o de trigo na Europa. No final, ficaram sob pressão somente os grãos. Tanto é que, mesmo agora nos Estados Unidos, o etanol de milho está em discussão. Também no Parlamento Europeu há uma grande discussão se a Europa deve ou não manter as suas metas para a produção de biocombustíveis ou reduzi-las.

AGROANALYSIS O etanol de cana sai fortalecido da discussão. Pelos menos no primeiro round.

CAIO O mundo tropical ficou caracterizado como a grande fronteira de um biocombustível competitivo e sustentável ambientalmente. À medida que, agora, todos se debruçam para definir o que é ou quais são as regras de certificação, a gente vai caminhando para transformar o produto num artigo aceito ambientalmente. Mas os cereais ficaram sob suspeita. Digo nas tecnologias de primeira geração, já que a de segunda geração, que prevê a produção de biocombustível a partir da celulose, é bem aceita.

AGROANALYSIS Mas não há só o aspecto da produção agrícola. A questão da energia, seja agroenergia ou energia mineral e fóssil, envolve a geopolítica e as relações internacionais. Baseado no que você expôs, que o mundo tropical é uma grande fronteira e que o etanol de cana está fortalecido, quanto o Brasil, que tem um grande potencial de produção de alimentos e de energia, capitaliza politicamente com essa discussão?

CAIO Você colocou o grande tema. Na essência, essa é a grande discussão, a discussão macro, que antecipa todas as outras. Na verdade, o aumento de população e

o aumento de renda naturalmente estão levando a um crescimento de demanda de alimentos e de energia, que começa a definir uma nova visão da questão geopolítica. A energia, obviamente, carrega muito mais pressão política, à medida que, hoje, você tem alguns poucos países que alimentam de energia centenas de países. Por isso, começam a criar um critério de dependência extremamente desagradável, o que se chama hoje de segurança energética nos EUA e na Europa. De outro lado, somente o Brasil e a África têm

“Hoje, quando se discute a questão energética no mundo, o Brasil é sempre citado”

terras e condições climáticas favoráveis para produzir um biocombustível sustentável como o etanol de cana. Estamos discutindo geopolítica, qual é o pedaço do mundo que vai se tornar um produtor de energia renovável e em escala, com muito valor agregado e muita valorização. O Brasil, de fato, percebeu sua importância. O presidente Lula entendeu isso e passou a ter um discurso muito mais veemente. Hoje, quando se discute a questão energética no mundo, o Brasil é sempre citado, até porque agora acabou descobrindo petróleo em profusão.

AGROANALYSIS Apesar de produzir um combustível limpo e renovável, o Brasil ainda não conseguiu ganhar o mercado externo. Quais são as dificuldades?

CAIO Se tem algum país do mundo hoje que conseguiu colocar um combustível limpo e renovável no mercado internacional é o Brasil. O que acontece é que o combustível renovável líquido, seja etanol ou biodiesel, ainda não pode ser considerado *commodity*. Vamos falar em números: nós temos uma produção global que este ano deve estar girando em torno de 80 bilhões de litros, e o mercado internacional consome 10% apenas. É um produto que está começando a existir, é um mercado que está se abrindo, mas que ainda guarda todas as seqüelas das políticas anteriores internacionais de segurança alimentar. Mas o mercado vai abrir. Não tem outro jeito de reduzir as emissões de carbono. A Agência Internacional de Energia dos países da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico) acabou de preparar um relatório para orientar os países do G8 (grupo dos oito mais desenvolvidos do mundo), do qual o Brasil faz parte. No documento há uma análise do que é preciso para reduzir as emissões de carbono até 2030 ou até 2050, de tal forma que a gente não tenha uma catástrofe ambiental. Qual é o investimento necessário para chegar a 450 ppm de carbono? Eles concluíram que será preciso uma cesta de produtos e, nela, sem dúvida alguma, os biocombustíveis terão um papel muito importante. O relatório realça que os de primeira geração, do tipo da cana-de-açúcar do Brasil, estão aí e sempre terão um papel muito importante. Ele formaliza a sustentabilidade e a importância do produto agrícola tropical, no caso, cana-de-açúcar.

AGROANALYSIS Um dos pontos fracos do etanol de cana diz respeito à sua sustentabilidade social. Há muitas críticas sobre a situação dos cortadores de cana,

as condições precárias de trabalho. Isso não prejudica a imagem do etanol brasileiro?

CAIO Acho que sim. Mas já melhorou muito, até por atuação proativa do Brasil. Havia um *lobby* que tentava reduzir a importância dos biocombustíveis, no caso da cana-de-açúcar do Brasil, alegando que aqui a mão-de-obra é escrava, que o trabalho é horroroso, que as pessoas passam fome, que a cana toda é colhida com fogo, que os animais são mortos, que a cana estava invadindo a Amazônia. Havia todo um preconceito em relação a isso,

para a produção desse biocombustível. Neste momento, diante dos atuais preços dos óleos vegetais, não faz sentido produzir biodiesel. Ele não tem condições para competir com o diesel. Em segundo lugar, foi criada uma política tributária para o biodiesel que o inviabiliza ante o diesel. O biodiesel está *sub judice* ou sob ataque em todos os lugares. Nos Estados Unidos, em função do preço da soja ser volátil, na Europa a colza tem um custo de produção muito alto e que depende de muito suporte de subsídios, que nem todos países têm condições de dar. A Alemanha

foi quebrada quando ele se tornou competitivo em relação à gasolina.

AGROANALYSIS Há boas oportunidades também na área de bioeletricidade.

CAIO Esse é um grande tema, um tema espetacular. Primeiro, se a gente olhar em um nível mais macro, a co-geração é um conceito extraordinário. Eu acho que, nos próximos cinco ou dez anos, vamos ver um crescimento na produção de energia elétrica a partir de bagaço e de palha. A viabilização da palha vai ser via energia elétrica, não tenho dúvida.



“A resistência ao álcool foi quebrada quando ele se tornou competitivo em relação à gasolina”

que, passo a passo, vai sendo derrubado. A gente começa a ver artigos no *The New York Times*, na *Economist*, análises, filmes, campanhas conduzidas pelo Brasil descrevendo tudo isso e mostrando a realidade. As usinas estão mecanizando a lavoura, reduzindo o corte manual de cana, reciclando a mão-de-obra.

AGROANALYSIS E o biodiesel? Qual é o futuro do combustível no Brasil?

CAIO Foram criados para o biodiesel, já na largada, critérios de política pública que privilegiaram algumas culturas, que agora estão comprovadamente se mostrando inviáveis como matérias-primas

mudou a sua política e, pouco a pouco, vai inviabilizando o biodiesel.

AGROANALYSIS Mas centralizar na questão de quem produz biodiesel e a partir do que produz não acaba distorcendo um pouco o debate? Não é necessária também uma mudança de mentalidade nos setores que recebem o biodiesel, de vencerem a resistência a um combustível novo?

CAIO É verdade o que você está falando. Isso, aliás, aconteceu com o álcool. Você se lembra de que o álcool tinha uma resistência enorme inicialmente, que foi sendo quebrada? A resistência ao álcool

Porque a questão da utilização da palha para fazer álcool de celulose ainda vai levar muito tempo. Eu entendo que a bioeletricidade, talvez, em mais alguns anos, até supere o açúcar como produto importante no setor. É um produto que já significa, hoje, numa unidade bem tocada, quase 20% da receita líquida. Então, eu entendo que a bioeletricidade, que hoje é cerca de 3% da eletricidade do País, tende, pelas posições que fizemos aqui, a chegar a 15% nos próximos dez anos. Ou seja, 15% da eletricidade de um país em cima do bagaço e um pouquinho de palha de cana é realmente um resultado extraordinário. ■